

Magdala de Oliveira Lopes



**UM OLHAR PARA O TRIDIMENSIONAL – TRANSFORMANDO
PAPEL JORNAL EM BONECOS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Magdala de Oliveira Lopes

**UM OLHAR PARA O TRIDIMENSIONAL – TRANSFORMANDO
PAPEL JORNAL EM BONECOS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): João Augusto Cristelli de Oliveira

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Oliveira Lopes, Magdala de, 1957-
Um olhar para o tridimensional – Transformando papel jornal em bonecos: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Magdala de Oliveira Lopes – 2015
62 f.

Orientador(a): Prof. Dr. João Augusto Cristeli de Oliveira
Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Oliveira, João Augusto Cristeli de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título: Um olhar para o tridimensional – Transformando papel jornal em bonecos.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Um olhar para o tridimensional – Transformando papel jornal em bonecos*, de autoria de Magdala de Oliveira Lopes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. João Augusto Cristelli de Oliveira - Orientador

Gabriela Maria Garzon

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedico essa pesquisa aos meus pais que me ensinaram o valor da educação, fundamento básico em minha existência, aos meus primeiros mestres, meus alfabetizadores, aos meus mestres da graduação, responsáveis por minha formação profissional, a todos que compõe a Equipe de Educação à Distância da UFMG, que me proporcionaram novos pensares sobre o ensino de Arte e finalmente a todos os professores que conviveram e participaram do meu cotidiano nas escolas com seu carinho, críticas e incentivos.

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para todos aqueles que de uma forma ou de outra me incentivaram nesses dois anos a concluir mais essa etapa em minha vida. Meus filhos, meu companheiro, meus amigos, meus colegas de trabalho e a Deus por ter me dado saúde e coragem de chegar até o final.

RESUMO

O trabalho de pesquisa apresentado relata a experiência ocorrida na oficina de arte da Escola Municipal Engenheiro André Rebouças em Juiz de Fora – Minas Gerais, sob o título de “Um olhar para o tridimensional – Transformando papel jornal em bonecos”. Pretendendo despertar o olhar para o tridimensional dentro do ensino de arte na escola, norteado pela abordagem triangular, explorando o potencial plástico do papel jornal, contribuindo com uma nova utilização do mesmo e estimulando a criatividade e o lúdico na criação de bonecos, buscando valorizar e diversificar o ensino/aprendizagem em Arte.

Palavras-chave: Ensino - Arte – Tridimensional – Abordagem Triangular – Reutilização de materiais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 CATANDO PIOLHOS- João Alves.....	17
Figura 2 NOIVOS A CAVALO - Mestre Vitalino.....	18
Figura 3 AUTÓPSIA - Antônio de Oliveira.....	18
Figura 4 MARIA COM VÉU COMPRIDO - Antônia Bezerra Le.....	19
Figura 5 “Detalhe”	23
Figura 6 Início dos trabalhos.....	25
Figura 7 Cabeça/braços/tronco/pernas.....	26
Figura 8 “Engordando” os bonecos.....	26
Figura 9 “Dando formas”	27
Figura 10 “Outubro rosa”	27
Figura 11 Produto final.	27
Figura 12 “Piriguete grávida”	28
Figura 13 “Cadeirante” em processo.....	28
Figura 14 “Cadeirante” - produto final.....	28
Figura 15 Posando para fotos.....	28
Figura 16 “Squeitista”	29
Figura 17 “Tchum Tchá”	29
Figura 18 Posando para fotos.....	29
Figura 19 Interação.....	29
Figura 20 Momento de afetividade.....	30
Figura 21 Buscando aconchego.....	30
Figura 22 Translado dos bonecos para a Mostra.....	31
Figura 23 Translado dos bonecos para a Mostra	31
Figura 24 Presença dos bonecos na Mostra Estudantil.....	32
Figura 25 Presença dos bonecos na Mostra Estudantil.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
O tridimensional presente na arte do cotidiano.....	11
1.1 - Escola, reflexo da sociedade. Desafios e dificuldades.....	11
1.2 - Arte popular brasileira – bonecos.....	13
1.3 - Arte popular brasileira – Algumas imagens.....	16
CAPÍTULO 2	
2.1 - Desenvolvimento da oficina.....	20
CAPÍTULO 3	
3.1 - Considerações pedagógicas.	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Pretendo com essa pesquisa analisar as possibilidades de conhecimentos que o processo criativo provoca no indivíduo quando este se encontra envolvido com a experimentação artística e se reconhece como participante e protagonista do seu próprio caminhar.

No primeiro capítulo farei uma breve explanação sobre as manifestações artísticas realizadas por artistas populares, que enriquecem a Arte Popular brasileira e que constitui muitas vezes no primeiro contato que um indivíduo tem com a arte. Irei direcionar os olhares para a produção de bonecos que já conquistaram lugar de destaque no artesanato brasileiro com a finalidade de mostrar a diversidade de estilos existentes. Possibilitando assim o conhecimento das variadas formas e materialidades, que pessoas semelhantes, utilizam para expressar-se na confecção de bonecos. Apropriar-se do conhecimento da Arte Popular e do Artesanato brasileiro, ligado à produção de bonecos, poderá possibilitar ao sujeito, enxergar o mundo á sua volta de forma diferente. Ao conhecer os trabalhos de outras pessoas abrem-se novas perspectivas de se repensar outros caminhos para sua trajetória. Estudarei as reações que provocam e estabelecem com o público onde estão expostos e podem ser contemplados, e como tocam no lúdico nas pessoas. Os bonecos funcionam como elos, resgatando as várias manifestações culturais e religiosas presentes na arte Popular.

Partindo do princípio que a criação e o fazer artístico, desenvolve a capacidade cognitiva, e movidos pela curiosidade e desejo de aprender, o indivíduo redescobre e transforma sua realidade, pretendo no segundo capítulo mostrar as técnicas e metodologias necessárias para se fazer bonecos usando jornais e cola, além de relatos do processo de produção (prática), entrevista com os alunos, fotos e a fruição. Produzir, apreciar e contextualizar, três eixos de grande importância no entendimento das artes visuais.

No terceiro capítulo farei as considerações pedagógicas e as reflexões que possam estimular o aluno a conhecer sobre sua cultura e a perceber o potencial transformador da arte.

CAPITULO 1

O tridimensional presente na arte do cotidiano

1.1 Escola, reflexo da sociedade. Desafios e dificuldades.

A educação escolar encontra-se em crise e um tanto distanciada do ideário dos educadores, dos filósofos e de todos aqueles que se importam em construir um ambiente educacional que realmente contribua para a formação de nossos alunos. Uma escola que só se preocupa com a transferência de saberes, deixando de lado seu caráter socializante pouco tem a valer como força formadora. Diretores, professores, pais, alunos e os demais envolvidos no processo educativo encontram-se sem rumo definido. Escolas sucateadas, (no sentido amplo da palavra), professores desvalorizados, sem prestígio, sem atrativos para a profissão e alunos desmotivados em aprender formam o contexto de nosso sistema educacional. Convivemos hoje com o avanço tecnológico acelerado e por outro lado uma degradação colossal do ser humano. Isso se reflete no dia a dia da escola porque também reflete no cotidiano de nossa sociedade. É necessário que a escola e a sociedade busquem refletir e também definir que conhecimentos são importantes para a formação das próximas gerações. O que é realmente significativo na aprendizagem escolar e como proceder para essa compreensão.

Estamos diante de grandes desafios. Como educar nossos jovens diante de tantas contradições? Qual parcela da educação é de responsabilidade da família e qual parte cabe à escola promover? Como oportunizar aos jovens a experiência da cidadania favorecendo o pensamento crítico? Quais são os valores para embasar essa ação educacional? Que valores ensinar ao educando, quando o exemplo que ele vê na programação televisiva diz o contrário? Se a sociedade está passando por profundas transformações, como lidar com essa realidade tão inconstante? Como promover a aprendizagem se os responsáveis diretos desta ação (pais e professores) perderam seus status de educadores? Diante desse cenário complexo, como trabalhar a ética, preservar valores, num mundo marcado pelo consumismo excessivo, a transitoriedade das coisas e o imediatismo? Assim seguimos, refletindo sobre novas metodologias, experimentando novas práticas educacionais, tentando

encontrar caminhos que atendam a essas necessidades da educação que se deseja para este século.

Paulo Freire nos faz refletir sobre os “Saberes Necessários à Prática Educativa” na leitura de seu livro “Pedagogia da Autonomia onde ele propõe outros “pensares”, outras maneiras para que aconteça uma aprendizagem rica, viva, envolvente e verdadeira. Ele ressalta a importância de levarmos em conta a história de mundo que cada educando traz consigo e a sua identidade cultural para conhecer mais sobre a natureza humana.

Pormenores assim da cotidianidade do professor, portanto igualmente do aluno, a que quase sempre pouca ou nenhuma atenção se dá, têm na verdade um peso significativo na avaliação da experiência docente. O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. (FREIRE, 1996 – p 45).

É preciso uma reflexão, em âmbito nacional, dos objetivos educacionais para que possamos atingir plenamente os alunos e também atender melhor às exigências do mundo pós-moderno e contemporâneo, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária que considera e respeita a diversidade de seus partícipes.

A proposta curricular da rede municipal, na qual atuo como professora regente de Arte, apresenta como objetivos gerais do ensino de arte: “promover experiências significativas através do conhecer, fazer, apreciar e criticar em arte”. Ana Mae Barbosa contribuiu para essa compreensão ao sistematizar a abordagem triangular, onde nos propõe esse modo de olhar, pensar e agir no ensino de arte. “Só um fazer consciente e informado torna possível a aprendizagem em arte”. A “leitura” de um objeto artístico deve surgir do diálogo que se faz embasado no ver, no fazer e no contextualizar, não precisando necessariamente nos prender a esta ordem, podemos mudar a ordem dessas ações. O resultado é o aumento da capacidade de entendimento da produção artística e cultural e essa maior compreensão de arte e história possibilita a consciência de identidade nacional. Segundo Ana Mae Barbosa a escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes de nossa nação.

Ao decidir pela oficina de bonecos percebi que a arte poderia abrir caminhos para os diversos conhecimentos dialogarem com as histórias e com conhecimentos

de vida de cada aluno. Romper as barreiras criadas pela ignorância e acrescentar informações que promovam o raciocínio, fazendo com que o aluno pense e reflita sobre suas ações e que o resultado disso tudo faça com que surja uma consciência crítica capaz de intervir e modificar com ética a sua história e a da humanidade.

Ao pensar na elaboração do objeto em si – boneco que se assemelha à figura humana – o aluno desenvolverá raciocínios que o fará refletir sobre si e seu entorno. Desse diálogo, novas relações podem surgir, onde ele fala com o mundo e também ouve o mundo. Aprende com o mundo e ensina com o mundo. Essa relação torna mais sensível, mais participativa, mais inteligente e mais humana a nossa atuação nos processos formativos de nossa cultura.

Ao participar da oficina de bonecos o aluno poderá apenas fazer por fazer, ou poderá envolver-se verdadeiramente e ampliar seus conhecimentos, com uma clareza intencional. O objetivo é que ele viva uma experiência artística que lhe estimule a buscar outros conhecimentos para que ele desenvolva suas habilidades sensoriais, intelectuais e emocionais e se torne o sujeito autônomo em novas experiências.

1.2 - Arte popular brasileira – bonecos

Arte Popular no Brasil é a arte feita por homens e mulheres, gente do povo, que na maioria das vezes, criam obras de reconhecido valor artístico e estético, sem ter uma escolarização em arte. Estes autores, geralmente de poucos recursos financeiros, compreendem arte como trabalho e fazem essa arte numa linguagem simples e bem humorada, onde expressam temas da vida social, de sua religiosidade e também de seu imaginário. Esta arte feita pelo povo reflete a nossa capacidade de criar. Somos reconhecidos historicamente como um povo rico em criatividade. É uma arte muito interessante e de forte poder comunicativo que ultrapassa as fronteiras de estilos de vida, situação socioeconômica e visão de mundo.

A arte popular brasileira é muitas vezes o primeiro contato que o aluno da rede pública de educação tem com a Arte. Esse encontro geralmente se dá, quando numa viagem ou excursão feita por sua família, visitam feiras artesanais para adquirir uma “lembrancinha” da viagem. Surgi então o primeiro contato com uma

produção artística. De forma bem simples e até meio inconsciente, esse sujeito começa tomar conhecimento de outras maneiras de trocar informações, sensações e sentimentos com o mundo no qual ele vive. Começa então a ampliar e construir conhecimentos que poderão proporcionar um melhor entendimento de si mesmo e a perceber melhor o mundo à sua volta. A compreensão de mundo muito contribui para a formação do educando.

Nós ainda estamos tentando entender o que somos e nos empenhando para compreender o que é o mundo, o que é a sociedade e qual é nosso papel neste mundo. Sabemos também que ainda estamos escrevendo nossa história, desenvolvendo nossa cultura, e que tudo esta inacabado. Muito ainda por fazer. Muito há a ser descoberto ou inventado, mas é preciso desenvolver nossa consciência crítica, que investiga e busca compreender mais sobre a humanidade, para interferir junto a ela com respeito e com ética.

Acreditando nesta forma de pensar o mundo, mas ao mesmo tempo vendo que a educação, nos dias atuais, não caminha para o desenvolvimento dessas compreensões, pensei em explorar a relação positiva que as pessoas mantêm com “os bonecos” para trabalhar essas ideias de mundo e humanidade junto aos alunos dos sextos e sétimos anos da Escola Municipal Engenheiro André Rebouças, em Juiz de Fora.

Quando nos deparamos diante de um objeto de contemplação e esse objeto provoca em nós sensações, boas ou ruins estamos diante de uma experiência estética. Cada vez que proporcionamos ao aluno uma experiência estética, estamos sensibilizando sua percepção, suas habilidades sensoriais, emocionais e intelectuais. A experiência estética transforma o objeto de contemplação em algo diferente, carregado de sentimentos. Uma vez que o aluno tenha suas habilidades desenvolvidas terá maior autonomia, sobre sua relação com o mundo, sobre os rumos de sua vida. As artes podem contribuir muito para ampliar conhecimentos de vida e modificar nossos olhares para ver além das funções pragmáticas das coisas. O professor tem que agir com muito talento para que neste encontro as habilidades de seu aluno possam ser estimuladas e ele passe pela experiência estética. O aluno precisa chegar às suas próprias conclusões e aprender a pensar para vencer os desafios que a vida oferece.

Para esse estudo, quero destacar na Arte Popular a arte relacionada à criação de bonecos – pequenos ou grandes – que envolvem e encantam a todos - crianças e adultos - com sua simbologia diversificada. Chamo de “bonecos” tudo que se assemelha ou faz lembrar a figura humana, quer semelhantes às existentes, quer as oriundas do imaginário de seus autores. Se observarmos com cuidado, ao longo de nossas vidas mantemos permanente relação com esses “bonecos”. Veja um exemplo. As pessoas religiosas se apegam a imagens de santos. Estes geralmente refletem a imagem de um homem ou de uma mulher, (figura humana). Possuem uma forte simbologia para essas pessoas e a eles dedicam grande respeito. Esta relação está impregnada de sentimentos. Chegam até a conversar com eles como se eles pudessem ouvi-los e responder às suas questões. Outro exemplo são as pessoas que nunca se desfizeram de suas bonecas da infância e continuam fazendo coleções delas na fase adulta. Os meninos com seus super-heróis e as meninas com suas princesas são reflexos das relações com este universo na fase da infância. A influência dos “bonecos” é tão poderosa que alguns grupos de pessoas estão se caracterizando como eles. Pessoas que se vestem como seus personagens favoritos dando vida, isto é, tornando-se um boneco vivo do personagem escolhido (Cosplay). Em pelo menos numa fase da vida relacionamos com bonecos e sempre que nos é possível fazemos isso novamente, porque esta relação é prazerosa e sempre mexe com nosso imaginário. De uma forma ou de outra estamos rodeados de situações onde nos relacionamos com réplicas da figura humana significativa para nós.

Há pessoas que compram objetos/figuras que retratam suas profissões. Outras já gostam de colecionar figuras como duendes, fadas e outros seres do imaginário fantástico. Estas réplicas da figura humana, geralmente são modeladas em argila e queimadas em fornos de alta temperatura (cerâmica), entalhadas ou esculpidas em madeira, modeladas através de formas (gesso), mas também podem ser feitas de papel colado (papietagem) ou de massa de papel (*papier maché*). Os objetos podem ser feitos de tecido, plástico, arame, ferro, alumínio, borracha ou de papel amassado. Não importa de qual material sejam feitos, pois sua simbologia é que os tornam únicos para quem os contempla.

Como vimos anteriormente, existem inúmeros materiais que podem servir para a criação de bonecos. Cada material carrega consigo suas especificidades. Se a escola que escolhi para minha pesquisa estivesse situada na zona rural eu poderia

escolher materiais como palha de milho ou fibra de bananeira, etc. Escolhi o papel jornal como materialidade para meus estudos, primeiro por ser facilmente encontrado, pelo custo baixo e ser acessível para os alunos e para a escola. A escola de minha pesquisa está situada na zona urbana de Juiz de fora, em bairro de periferia. Segundo, por possuir imensas possibilidades plásticas e não precisar de grandes infraestruturas para sua experimentação, permitindo que possa ser realizado em qualquer lugar. O aluno envolvido e interessado pode reviver em casa, sua experiência na escola e quem sabe, escrever outra historia.

Na percepção de si mesmo o homem pode distanciar-se dentro de si e imaginativamente coloca-se no lugar de outra pessoa. Em virtude do distanciamento anterior, a expressão de sensações pode transformar-se na comunicação de conteúdos subjetivos. O homem pode falar com emoção, mas ele pode falar também sobre as suas emoções. Estende a comunicabilidade a conteúdos intelectuais. Ele pensa e pode falar sobre os seus pensamentos. Refletindo a respeito dos dados perceptivos do mundo o homem pode reformular ideias e hipóteses de crescente complexidade intelectual e comunicá-las aos outros como propostas de futuras atividades (OSTROWER, 1987 - p 22).

Ao participar de vivências artísticas o aluno experimenta outras possibilidades, reflete sobre suas ações, coloca-se no lugar dos outros, podendo assim aumentar seus conhecimentos e ampliar seus horizontes.

1.3 - Arte popular brasileira – Algumas imagens

Com o objetivo de incentivar e desinibir a fruição do envolvido na oficina apresento quatro imagens das obras de alguns artistas da arte popular brasileira onde cenas do cotidiano viram importantes obras e descrevem outras historias. As figuras apresentadas a seguir tem o intuito de não só possibilitar uma maior compreensão das etapas que envolvem o “fazer” artístico, mas também contribuir para o imaginário do aluno.

João Alves nasceu em 1964 na pequena Taiobeiras, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Ceramista, produz peças coloridas, nas quais privilegia a representação do cotidiano de pessoas negras, que vivem no campo. Chama a atenção a sensibilidade com que reconstrói a realidade, traduzida por cenas em que aparecem homens e mulheres flagrados no dia a dia: cuidando dos filhos, em família, no trabalho e na casa.(fig. 1).

Em 1909, nasce Vitalino Pereira dos Santos, na pequena vila de Ribeira dos Santos, próximo a Caruaru, (PE). Criado em ambiente oleiro, cedo começa a modelar boizinhos, louças em miniatura e outros brinquedos, para serem vendidos na feira local. Dotado de forte senso estético, produz obras que, na maturidade, atraem a atenção de críticos e colecionadores de arte. (fig. 2).

Em 1912, nasce Antônio de Oliveira, em Belmiro Braga, no interior de Minas Gerais. Aos 6 anos, começa a esculpir carrinhos de bois e outras peças com as quais brinca. Na adolescência, trabalha consertando móveis durante o dia e esculpindo "bonecos" à noite. Antônio de Oliveira entregou-se com paixão à recriação de cenas reais ou imaginárias, que compunham o que chamava de "meu mundo encantado". (fig. 3).

Em 1914 nasce Antônia Bezerra Leão em Tracunhaém, no Estado de Pernambuco. Aos dez anos, faz bichinhos de barro que o pai vende na feira de Carpina, PE. Casa-se aos 15 anos e vai morar em Goiana, PE, onde aprende a fazer barro com um frade, "Seu Luís". Desde então, cria imagens de santos, além de figuras de bichos e miniaturas de louça doméstica. As peças são modeladas com espátulas de alumínio, ferro e bambu e queimadas, após a seca. Não pinta nem decora suas produções onde os temas bíblicos são recorrentes. (fig. 4).

Figura. 1 - CATANDO PIOLHOS- João Alves - Acervo Museu Casa do Pontal.



Fonte: <http://www.museucasadoportal.com.br/pt-br/jo%C3%A3o-alves> .Acesso em 10 out. 2015

Figura.. 2 - NOIVOS A CAVALO - Mestre Vitalino - Acervo Museu Casa do Pontal



Fonte:<http://www.museucasadoportal.com.br/pt-br/noivos-cavalol>
Acesso em 10 out. 2015

Figura.3 - AUTÓPSIA - Antônio de Oliveira - Acervo Museu Casa do Pontal



Fonte:<http://www.museucasadoportal.com.br/pt-br/aut%C3%B3psia>. Acesso em 10 out. 2015

Figura. 4 - MARIA COM VÉU COMPRIDO - Antônia Bezerra Leão - Acervo Museu Casa do Pontal



Fonte: <http://www.museucasadoportal.com.br/pt-br/maria-com-v%C3%A9u-comprido>. Acesso em 10 out. 2015

Capítulo 2

2.1 - Desenvolvimento da oficina

A oficina de bonecos feitos de papel jornal e papelão de 2015, contou com a participação de 15 alunos, que compõem as turmas de 6º e 7º ano. Desde o ano de 2012 essa oficina é oferecida no contraturno da escola e os alunos se inscrevem, por livre iniciativa. Percebi que os alunos do 7º ano demonstravam muito interesse pela oficina, motivados desde o ano anterior, ao ver os alunos da manhã, no contraturno, empolgados com as atividades realizadas. Por se tratar de alunos motivados planejei construir bonecos maiores do que os do ano anterior. Sugeri que os bonecos poderiam ter o tamanho deles, acharam interessante a ideia e concordaram em fazer bonecos grandes. Expliquei que bonecos maiores exigem mais trabalho em sua construção e seria mais viável que se organizassem em grupos de três alunos, pois assim tornaria o processo de construção mais dinâmico. Trabalhar em grupo proporciona maiores oportunidades de aprendizagem. Intensifica as relações, ao provocar maiores interações entre os envolvidos. Ficou combinado que faríamos apenas cinco bonecos.

Iniciei os trabalhos com a apresentação de imagens no data show. Apresentei 40 imagens de obras de artistas, todos da Arte Popular Brasileira. Escolhi somente artistas que trabalham construindo bonecos. Os que esculpem imagens de santos também foram escolhidos. Havia imagens de obras modeladas no barro, no *papier mache* e também bonecos esculpidos em madeira.

Quando reuni essas imagens tinha em mente o desejo de mostrar aos alunos que pessoas de modo de vida simples e com pouca escolarização podem produzir peças de valor artístico e estético inestimável e assim aproximar a arte do universo deles. Propus questionamentos acerca da ideia de que os artistas são seres privilegiados, que vivem de forma diferente de outras pessoas.

Fizemos a leitura das obras para retirar das imagens exibidas, o maior número de informações sensoriais e intelectuais, que nos ajudassem a compreender mais sobre as técnicas utilizadas por esses artistas. Procurei fazer com que eles percebessem que o “fazer” artístico pode ser realizado por pessoas comuns e semelhantes a eles. Enfatizei o quanto é importante a criatividade e como que cada um constrói de acordo com seu ponto de vista e com sua história de vida. Cada um

empresta ou dá ao objeto construído a sua subjetividade, aquilo que aprendeu, de acordo com suas descobertas, e com suas experiências anteriores. Usei as imagens para que percebessem como o modo de olhar do artista contribui para a criação de um estilo próprio, diferenciando um do outro e, ao mesmo tempo, demarca uma característica, uma assinatura, formando um estilo que o representará e o tornará conhecido. Dessa forma foram incentivados e encorajados à realização dos trabalhos que pretendíamos fazer.

No primeiro contato com esse grupo de alunos ocorreu, por meio do diálogo, uma troca muito rica de informações. Foi um momento planejado para que o aluno começasse a adquirir novos conhecimentos e formar novas compreensões sobre a arte e o “fazer artístico” criativo. É fundamental que aprendamos com a nossa experiência, mas também com a experiência do outro. Jonh Dewey explica quando diz que,

Cada um de nós assimila dentro de si algo dos valores e significados contidos em experiências anteriores. Mas o fazemos em graus diferentes da personalidade. Algumas coisas se gravam a fundo, outras permanecem na superfície e são facilmente deslocadas. (DEWEY, 2012 – p162).

Conversamos sobre a variedade de material existente para criar o objeto e sobre as diversas possibilidades técnicas que cada material traz consigo. Para exemplificar a utilização do papel como materialidade em nossa oficina, exibi imagens que refletiam varias formas de arte usando papéis e papelões para instigar nos alunos a curiosidade.

No segundo encontro começamos a fazer nosso objeto artístico – os bonecos. Os alunos aprenderam a amassar e a enrolar o jornal até que ficasse com o tamanho e a forma de suas cabeças. Usando papelão para dar maior sustentação foi construído o tronco. (fig. 6). Por fim o pescoço uniu as duas partes. (fig. 7).

Findando essa etapa, passamos para a definição com mais detalhes para a forma física do boneco. (fig.8). Ao pensar essa forma física os grupos interagiram. No debate entre os alunos, suas opiniões individuais tiveram de se ajustar ao coletivo em busca de um consenso. Ao dialogar os alunos produziram interações entre o mundo individual e o mundo social, exercitando a flexibilidade, que é uma atitude importante na construção das relações humanas e na vida em sociedade.

Muitas questões foram pensadas. Um grupo queria que seu boneco representasse o grito da minoria. Alguns alunos discutiram sobre as questões de gênero e sobre as questões ligadas ao preconceito aos afrodescendentes e também falaram da pressão psicológica exercida sobre os indivíduos de maior peso corporal por uma sociedade que cultua a magreza. Os alunos pensaram, refletiram e definiram que os bonecos representariam um gordinho gay, uma adolescente grávida (fig. 12 e fig. 13), um cadeirante (fig. 14 e fig. 15), uma doente de câncer (fig.10, fig. 11) e um rapaz típico da comunidade escolar na qual se encontram inseridos (fig. 16). Não se esqueceram de falar sobre injustiças sociais, drogas e violência, política e educação. Nesse pequeno ensaio, o aluno experimenta e se prepara para os desafios oriundos do conviver e da socialização.

Toda experiência, seja ela de importância ínfima ou enorme, começa com uma impulsão, e não *como* uma impulsão. (...) “Impulsão” designa um movimento de todo o organismo para fora e para adiante (...). As impulsões constituem os primórdios da experiência completa por provirem da necessidade; de uma sede e uma demanda que pertencem ao organismo como um todo e que só podem ser saciadas pela instituição de relações claras (relações ativas, interações) com o meio. (DEWEY, 2012 – p 143 – 144).

Sempre que estamos diante do novo criamos expectativas aguardando o que poderá surgir daquilo que estamos experimentando. Grandes ou pequenas oportunidades de experimentações artísticas podem proporcionar em cada aluno, reações e sensações diversas. Relações ativas geralmente provocam interações. Foi interessante toda a discussão gerada neste momento para se definir e escolher as características que cada boneco teria.

No terceiro encontro passamos à definição das proporções de cada boneco e qual seria a posição de suas pernas e braços. Esta definição implicaria em buscar o equilíbrio do boneco, pois eles teriam de se sustentar por si próprios. As equipes se organizaram e após tentativas e erros conseguiram colocar quatro bonecos em pé e um sentado.

Os três encontros que se seguiram foram um exercício de paciência. Era a hora de distribuir os volumes nos lugares certos para que os bonecos parecessem mais com a figura humana. (fig. 9). Os alunos tiveram que ser incentivados para vencer essa etapa que exigiu muito deles. A ideia de fazer o “gordinho gay” não foi concluída pela dificuldade de produção. Teriam que colar muitas camadas de papel

para compor uma forma bem gordinha. Foi assim que surgiu o boneco denominado por eles de “Thum Tchá”(fig. 17), que representaria um adolescente fanqueiro de qualquer comunidade.

Após dar o volume, deu-se o início da colagem da cor de pele nas partes que ficariam visíveis como rostos, braços, pernas e pés. Essa prática exigiu muito capricho por parte dos alunos e eles se desdobraram para fazer um bom acabamento. Nesta fase do trabalho um aluno percebeu que a perna de seu boneco estava mais gorda que a outra e de uma forma desproporcional. O grupo pensou numa solução que não desse muito trabalho, pois refazer a perna não era viável. Foi então sugerido que aquela parte da perna fosse coberta com papel branco dando a impressão de que a perna estaria engessada. (fig. 11). Surgiu o problema e eles encontraram uma solução criativa.

Os trabalhos de finalização seguiram normalmente o percurso planejado. Cada aluno trouxe de casa as roupas e os acessórios que os bonecos iriam precisar – camisas, calças, saias, vestidos, bonés, óculos, celular, perucas e lenços. Um aluno sugeriu recortar olhos e bocas de revistas e colocar nos bonecos. Esta inserção contribuiu imensamente para o visual final dos bonecos. Quando os olhos foram colados no rosto dos bonecos, estes pareceram ter ganhado vida de uma hora para outra. A reação dos alunos ao compor a face dos bonecos foi incrível. O que era, até então inexpressível ganhou personalidade e grande expressividade, como se pode perceber nas imagens abaixo:

Figura 5- Detalhe do boneco antes e depois da colagem dos olhos recortados de revistas



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

As transformações ocorridas com o objeto artístico, durante todo o processo realizado pelos alunos, são facilmente percebidas, mas as transformações ocorridas nos alunos, não são imediatamente percebíveis. Quem participou do processo pode mensurar as transformações e o crescimento obtidos pelos participantes durante esta experiência. Esses alunos viram simples papéis e papelões transformarem em um objeto artístico ao toque de suas mãos. Esse objeto surgiu da ação que esses alunos exerceram sobre o material escolhido. Observar um simples papel ganhar forma, cor, volume e se transformar em outro objeto completamente diferente é uma experiência no mínimo interessante.

Dando seguimento ao que foi planejado para o produto final de nossa experiência artística - os bonecos, foram levados para a Mostra Estudantil de Artes no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.(fig.21 e fig. 22).

A Secretaria de Educação, da Rede Municipal de Juiz de Fora, promove através do Grupo de Estudo – GE Arte, uma Mostra Estudantil. Essa mostra proporciona um espaço para que a produção feita pelo aluno em sua escola ganhe maior visibilidade. (fig. 23 e fig. 24). Os trabalhos podem ser vistos e apreciados fora do ambiente escolar de origem, o que promove a interação entre o “fazer artístico” realizado por outras escolas ao ser visitada por diversos professores e alunos, É o momento da “apreciação artística” provocando novas ideias, novos sentimentos, gerando diálogos e entendimentos, que contribuem para a formação crítica do indivíduo.

Por outro lado, também ocorre uma ampliação de mundo, quando o aluno sai do seu ambiente escolar para conhecer um espaço que reúne produções artísticas de sua cidade e encontrar lá um trabalho feito por ele. A alegria e satisfação de saber de sua possível participação em uma mostra de arte influenciam na construção do objeto artístico. O aluno começa a perceber a valorização gerada pela arte e quando retorna para a escola modifica suas atitudes. Torna-se mais envolvido e mais participante do processo de aprendizagem. Os comentários abaixo demonstram o interesse, a motivação e o protagonismo do aluno ao participar da mostra:

“Poe meu nome na lista do ônibus, não esquece, viu professora!”.

“Esse ano vai ter aquela exposição lá na cidade?”.

“Vamos assistir peça de teatro também, como no ano passado?”

“A gente podia fazer bonecos ainda maiores, né?”

“Professora, ano que vem a gente vem de novo, né?”

“Professora, tá todo mundo tirando fotos do nosso trabalho, olha lá”.

Finalizo refletindo como essa experiência tornou-se mais significativa para os alunos no momento em que eles puderam ver inúmeras pessoas, no dia da abertura do evento, encantadas por seus trabalhos. Fomos convidados pela televisão local para gravar uma entrevista para o telejornal, e os alunos capricharam na produção visual e treinaram suas falas para “arrebentar”, conforme expressão deles, na TV.

As fotos selecionadas registram alguns momentos da experiência vivida na oficina de bonecos:

Figura 6 - Início dos trabalhos – Cabeça/braços/parte do tronco



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 7 – Cabeça/braços/tronco/pernas



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 8 – “Engordando” os bonecos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 9 – “Dando formas”



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 10 – “Outubro rosa” – Em processo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 11 – “Outubro rosa” - Produto final.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 12 - "Pirigete grávida" - Em processo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 13 - "Pirigete grávida"-Produto final



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 14 - "Cadeirante" - Em processo



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 15 - "Cadeirante" - Produto final



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 16 – “Squeitista”



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 17- “Tchum Tchá”



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 18 – Posando para fotos



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 19 – Interação



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 20 - Momento de afetividade.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 21 – Buscando aconchego



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 22 – Translado dos bonecos para a Mostra Estudantil Municipal



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 23 – Translado dos bonecos para a Mostra Estudantil Municipal pelos alunos da oficina de bonecos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 24 – Presença dos bonecos na Mostra Estudantil Municipal – Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Figura 25– Presença dos alunos da oficina de bonecos na Mostra Estudantil Municipal - Centro Cultural Bernardo Mascarenhas



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Capítulo 3

3.1 - Considerações pedagógicas.

Neste capítulo proponho uma reflexão sobre as influências das diferentes concepções que vem orientando o ensino de Arte nos últimos anos, e como isto provoca novos pensares metodológicos para enfrentar esses desafios.

Ao decidir pela oficina de bonecos, vislumbrei as inúmeras oportunidades de aprendizagem que esta experiência podia oportunizar aos alunos. Ao possibilitar a eles essa experimentação artística pretendi construir os primeiros passos, para um entendimento maior sobre a Arte e a importância na sua formação, motivando-os a novas leituras e compreensões sobre cultura e o mundo no qual estão inseridos.

Ao apresentar-lhes os trabalhos de alguns artistas da arte popular brasileira percebi que os alunos passaram a acreditar mais em suas capacidades. Após dialogar com essas obras e conhecer um pouco da realidade dos artistas, sentiram-se mais motivados e encorajados a experimentar a construção dos bonecos. Tomar posse desse conhecimento favorece a ampliação de horizontes e em nossa mente fica registrado, de algum modo, informações que podem servir para superar os momentos de desafios que surgirão a qualquer instante. Conhecer sobre pessoas e como elas reagem diante de determinadas situações é sempre um grande aprendizado. É como arquivar conhecimentos e juntar experiências, que possam ser acessadas quando necessário. Possibilita ao jovem conhecer mais sobre nossa cultura e também serve de incentivo para prosseguir diante de dificuldades. É característica do ser humano achar que os problemas são “para sempre” e nas palavras de Paulo Freire encontramos

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2015– p 53).

A transitoriedade das coisas que vivemos na vida, nos mostra a ideia de seres inconclusos que somos e Paulo Freire nos ajuda nesse entendimento quando diz

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. (FREIRE, 2015 – p 57).

Ao percebermos que o processo educativo não se acaba nunca e que estamos continuamente aprendendo sobre as coisas, é aí que interagimos mais e nos abrimos para novos conhecimentos e conseqüentemente, acontece a aprendizagem.

Buscar novos saberes, novos olhares, novos caminhos é estar em constante formação. Oportunizar aos jovens essa compreensão pode ajudá-los a pensar com mais esperança em seu futuro. É uma forma de despertar seu interesse e a sua percepção de mundo. Pensar alimenta o bom senso e este por sua vez, é um grande facilitador nas relações com as pessoas e contribui para uma maior humanização da sociedade.

O ensino de Arte na escola não está em busca de soluções, mas de questionamentos. Ao propor uma experimentação de construção de um objeto em três dimensões, com forma humana em tamanhos gigantes, utilizando materiais de fácil acesso como jornais, papelão e cola, imaginei um grande envolvimento dos alunos com sua produção artística. Acreditei que junto aos conceitos artísticos envolvidos, haveria também um excelente momento para troca de experiências e diálogos sobre o modo de pensar e de agir dos homens, ao longo da história. Como eles faziam para se expressar nas artes e como resolviam seus questionamentos de vida. Observei que essa experiência contribuiu para modificar o olhar do aluno na sua visão de mundo e colocá-lo como protagonista em sua história.

“Reconhecemos que a arte representa a apoteose cultural de uma sociedade, mas reservamos um espaço bem pequeno para sua aprendizagem nas instituições culturais”. (BARBOSA, 2012). Embora a arte não tenha ainda um lugar bem definido na educação, sabemos de sua importância na formação e compreensão de nossa herança cultural. A arte é muito importante no desenvolvimento da percepção e da imaginação e só conseguiremos contribuir para a formação de nossa cultura se tivermos essas competências bem exploradas. Durante a oficina de bonecos foi possível exercitar um “fazer artístico” estabelecendo conexões e relações entre

obras de arte e outras manifestações culturais que evidenciam a importância da arte na formação cultural de uma sociedade.

Considerando que uma relação mais prazerosa com a aprendizagem pode favorecer consideravelmente todo o processo de construção de conhecimento nos preocupamos em manter uma atmosfera e um ambiente propício para a criação artística para a qual nos propusemos. Na oficina de bonecos trabalhamos em uma sala exclusiva para a realização de nossos trabalhos numa ambiência de atelier. Os materiais estavam à nossa disposição e quando cessava o horário disponível, todos participavam da reorganização do espaço para outro dia da oficina. Um espaço apropriado assim estimula a motivação e o interesse para a continuidade dos trabalhos. No decorrer da oficina pude perceber que alguns alunos se identificaram mais do que outros e se dedicaram com mais interesse na sua produção.

A qualidade dos trabalhos produzidos nas oficinas foi um pouco comprometida pela falta de paciência dos envolvidos, pois o processo se desenvolve lentamente na justaposição de pedaços de papel, colados um a um. Foi preciso trabalhar a persistência para o imediatismo tão característico desta geração.

Ao salientar e enumerar que um grande número de profissões está direta ou indiretamente relacionado aos conteúdos de arte, os alunos puderam se envolver de forma mais atenta. Surgiram perguntas pertinentes ao assunto e por meio do diálogo muitas dúvidas se esclareceram. “O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação” diz Ana Mae ao organizar o estudo e a aprendizagem em arte. O “fazer” artístico associado ao “apreciar” e ao “contextualizar”, faz as interseções dos padrões estéticos e o discernimento de valores, promove o pensar inteligente sobre a produção artística.

Os alunos no processo de realização das oficinas tiveram contato significativo com os diálogos artísticos atuais. Em todo o processo exercitamos as três abordagens que nos ajudam a compreender melhor os conceitos estéticos e artísticos. Ana Mae os chamou de “Abordagem Triangular” interligando “o fazer”, o “apreciar” e “o contextualizar”, não importando a ordem ao utilizá-los. São três ações que nos ajudam na decodificação e compreensão das artes visuais.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema, da televisão e dos CD-ROM o prepararemos para a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 2012 p 36).

Esse procedimento nos prepara para o conhecimento de arte ao contextualizar sobre a obra, contribuindo para um ensino que inclua não somente produção de arte, mas também história da arte, percepção estética e nos coloque em condição de emitir nossa opinião crítica sobre sua qualidade. Educação que se pretende educadora desenvolve não só habilidades como também entendimentos significativos que contribuam na relação do aluno consigo mesmo e com o mundo em que vive. Finalizo este capítulo com as palavras de Ana Mae, “Só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem em Arte”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É por gostar tanto de produzir esculturas que escolhi falar sobre a tridimensionalidade. Trabalhar com o tridimensional torna a experiência artística mais viva, mais consistente, mais real. Isto talvez por permitir tocar, apalpar pois gostamos de ver não só com os olhos, mas também com as mãos. O trabalho em três dimensões surge do gesto das mãos sobre o material escolhido e da intenção do autor. É um atividade que me encanta há muito tempo e sempre quero apresentar aos alunos essa outra maneira de se expressar em arte. Geralmente reconhecem como arte na escola, o desenho, o colorir e a pintura.

O tridimensional é pouco utilizado, talvez por exigir materiais diferentes para sua realização e espaços para armazenamento. Mas sempre que o aluno tem a oportunidade de realizar essa experiência, se encanta com os resultados. Muitos conceitos são percebidos ao experimentar produzir um objeto em 3D. Conceitos diversos são adquiridos de forma prática como peso, altura, proporcionalidade, porcentagem, espaço, equilíbrio, tempo, simetria e harmonia. Para conseguir transformar um determinado material (argila, papel, etc.) em um produto 3D, muitos raciocínios se desenvolvem na mente do autor, provocando reflexões construtivas que ampliam a compreensão de si e do mundo. Quando esse objeto produzido tem a forma semelhante a do homem (boneco), pode ocorrer, muitas vezes, uma profusão de emoções e transferências de sentimentos, promovendo maiores significados a essa experiência.

A construção de bonecos mexe com o imaginário das pessoas. Foi enriquecedor vivenciar esta experiência com adolescentes. Impulsioná-los a vencer seus grandes “inimigos”, chamados “preguiça” e “imediatismo”, foi a parte mais trabalhosa desta experiência, mas ver sua satisfação ao concluir os trabalhos e de vê-los expostos numa galeria de arte, “lugar de artistas” compensa todo o trabalho provocado até chegar ali.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2011.

DEWEY, John. *A Arte como experiência*. – São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010
– Coleção Todas as Artes.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa*.
São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação* – Petrópolis: Vozes, 1987.